


# O CINEMA BRASILEIRO SOB ÓTICA AUTOBIOGRÁFICA DE ZELITO VIANA

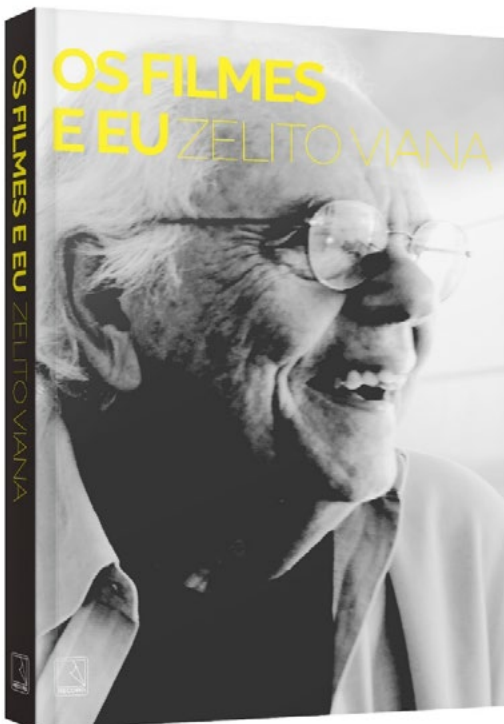
## THE BRAZILIAN CINEMA UNDER THE AUTOBIOGRAPHY OF ZELITO VIANA

 <https://doi.org/10.46401/ardh.2023.v15.19182>

Lucas Campos da Silva<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso  
 <https://orcid.org/0009-0009-8999-6011>  
lucaskae06@gmail.com

Recebido em: 20 de maio de 2023.  
Primeira revisão: 30 de maio de 2023.  
Revisão final: 10 de junho de 2023.  
Aprovado em: 10 de junho de 2023.

VIANA, Zelito. **Os filmes e eu**. Rio de Janeiro: Record, 2022.



O livro apreciado neste texto “Os Filmes e eu” de autoria do cineasta Zelito Viana trata-se de um texto memorialista sobre vida e carreira de seu autor. Ao longo de suas páginas, o livro descreve um paralelo do cinema brasileiro da segunda metade do século XX aos dias atuais. Apesar de ser um relato pessoal, o texto de Zelito permite que observemos a inserção do artista frente aos acontecimentos políticos, sociais e culturais do período considerado um marco do cinema nacional, o Cinema Novo. Ademais, contextualmente as memórias de Zelito Viana propicia observar como os cinemanovistas reagiram ao golpe civil-militar de 1964 e os aparelhos de censura da Ditadura Militar, em primeiro momento, e posteriormente o cinema brasileiro na abertura democrática do país

na década de 1980. Outra temática que recorrentemente são as adversidades da produção de um filme no Brasil, o livro expõe as dificuldades de captação de recursos, problemas com

a distribuição dos filmes e interação para com um público familiarizado a obras estrangeiras. Lançado pela Editora Record, em 2022, o livro é organizado em tópicos, cada um correspondente a um filme ou experiência vivida a partir das múltiplas funções ocupadas na indústria cinematográfica brasileira.

José Anísio Viana, ou “Zelito” Viana como é conhecido, é um diretor, roteirista e produtor nascido no Ceará radicado no Rio de Janeiro. Inicia seus trabalhos no cinema, após o golpe de 1964, por intermédio de Leon Hirszman. Em parceria com Glauber Rocha, Walter Lima Júnior, Paulo Cesar Seraceni e Raymundo Wanderley funda a “*Mapa Filmes*”, importante produtora e distribuidora que tem em seu catálogo peças clássicas da filmografia nacional. Nesse primeiro período, atuou principalmente na função de produtor. Zelito aponta: “Como era muito rápido para fazer contas, principalmente de cabeça, acabei virando produtor, supostamente responsável por confeccionar e controlar orçamento de filme” (VIANA, 2022, p. 27). Destaca-se nesses primeiros anos a sua parceria com o cineasta Glauber Rocha com quem fez filmes como: *Maranhão 66* (1966), *Terra em Transe* (1967), *Câncer* (1968), *O Dragão da maldade contra o Santo Guerreiro* (1968) e *O Leão de sete cabeças* (1970).

Engenheiro de formação, e de futuro, como aponta o próprio, a mudança dos rumos profissionais é para Zelito Viana também desempenho político. Atuando no movimento estudantil nos tempos de graduação, o autor era próximo ao Partido Comunista Brasileiro, a inserção no cinema é nas palavras de Hirszman uma “necessidade de quadros políticos.” (VIANA, 2022, p. 27). Nesse sentido, Zelito Viana adentra o mercado nacional no núcleo de cineastas que compunham o movimento cinematográfico responsável pela renovação do cinema nacional. Após o golpe de 1964, esse movimento do qual o autor ajudou a construir é confrontado com os aparelhos de censura e a perseguição política de seus componentes, o que leva o impedimento na execução de alguns projetos como o “*Cabra Marcado para Morrer*”, de Eduardo Coutinho, que levará quase vinte anos para ser finalizado.

Zelito Viana exterioriza em suas memórias, como testemunha e sujeito atuante, para além das questões políticas e as adversidades em fazer Cinema no Brasil. A principal delas está relacionada ao financiamento para obtenção de recursos para realização das filmagens, acerca disso o autor concentra-se no contexto da produção muito mais que no conteúdo dos filmes abordados. Nas memórias sobre “*Terra em transe*” (1967), Viana expõe como a produção do filme foi realizada com dificuldades de obtenção de insumos básicos para gravação, como os negativos que alega ter conseguido um a um após os primeiros tendo sido emprestados de outra produção.

As 30 latas do Jabor se foram nas primeiras três semanas. Daí para a frente, até o fantástico número de 67 latas – 300 metros, i.e., mais de 50% do que foi consumido no filme -, foi arranjado uma a uma. Aprendi rapidamente que a técnica do baiano era a seguinte: as latas que eu levava, ele filmava. Comecei a racionar, conforme a sequência. (VIANA, 2022, p. 46)

Ainda sobre o processo de produção, o autor relata a forma díspar como se produz um

filme no Brasil em relação aos centros hegemônicos do Cinema. A produção nacional é marcada por um experimentalismo estético não apenas em relação às temáticas, como também da técnica, profundamente influenciada pela ausência de financiamento das obras. Assim, cabe aos produtores e cineastas assumirem a função de fazer com que o filme saia do papel.

Como é que vocês fazem filme no Brasil?  
 Disse que a gente ia no banco e arranjava um dinheiro...  
 Ele interpelou:  
 Vocês põem dinheiro de vocês em filme?  
 Respondi, atônito:  
 – Claro, e você não?  
 – Jamais. Aqui quem põe o dinheiro em filme é quem mete a mão no dinheiro depois do filme pronto. Eu sou apenas um profissional produtor e cobro pelos meus serviços. (VIANA, 2022, p.79)

Outro elemento interessante posto na obra de Viana é a recepção internacional aos filmes produzidos nesse período. Através delas podemos constatar como o público externo reagiu às imagens do Brasil produzidas pelo Cinema Novo e suas proposições temáticas e técnicas. Em uma delas o autor relata a experiência no “Semana do Cinema brasileiro” realizado no Museu de Arte Moderna de Nova York, em 1968. Nessa ocasião, o autor expõe um diálogo sobre questões caras ao cinema nacional, o realismo e a representação da violência:

Numa tarde em que estava passando *Vidas Secas*, três dessas velinhas saíram apressadas antes de o filme terminar. Perguntei a elas:  
 – Estão saindo por que, não gostaram do filme?  
 Responderam quase uníssonoras:  
 – É muito violento!  
 Protestei, revoltado:  
 – Violento? Num país que tem o cinema que vocês têm?  
 Uma delas respondeu:  
 – Mas aqui é de mentira, esse aí é de verdade. (VIANA, 2022, p. 67)

Se por um lado fica claro como o público do exterior recebeu os filmes, de outro não é explícito nas memórias de Viana a recepção nacional. O cineasta expõe apenas as dificuldades de distribuição dos filmes e a concorrência frente ao mercado estadunidense que já dominava o cinema no Brasil do período. Outro fator que perpassa toda narrativa de Viana é a posição social em que o cineasta está inserido. Ao longo do livro o autor expõe como os cineastas do Cinema Novo eram um grupo próximo a figuras artísticas e políticas importantes, fato que proporciona um tratamento diferente em relação ao governo na obtenção de recursos de financiamento ou na construção de políticas públicas para o audiovisual brasileiro.

Nos anos finais da década de 1970, Zelito Viana assume o cargo de assessor do então Diretor-Geral Roberto Farias na Embrafilme, em uma gestão que marca a primeira vez que um cineasta dirige a instituição. Nessa posição, trabalhou em uma série de políticas de valorização do audiovisual brasileiro, dentre elas a criação de uma distribuidora estatal que detivesse os direitos de distribuição de filmes nacionais. Viana deixa função após acir-

ramento da perseguição política a membros e ex-membros do Partido Comunista Brasileiro. Outra função que ocupa dentro da atuação política de organizações ligadas ao cinema é a presidência da Associação Brasileira de Cineastas (ABRACI) na gestão 1977-1979, período em que luta pela permanência da Lei do Curta-metragem que institui a obrigatoriedade da exibição de um curta-metragem nacional antes de um Longa-metragem internacional. Sobre isso o autor dispõe:

Os americanos sempre encararam a indústria do cinema como questão de segurança nacional. [...] Nós, aqui embaixo, humildemente, estávamos tentando fazer com que um curta-metragem brasileiro fosse exibido ao lado de um filme americano. Uma reivindicação modesta, mas que na cabeça dos gringos "afetava a liberdade de expressão". (VIANA, 2022, p. 138)

Além da pressão do mercado estadunidense para derrubar a Lei do Curta-metragem, o autor ainda relata uma grande problemática enfrentada pelas produções brasileiras o descaso dos exibidores que veem no filme nacional apenas a obrigação de cumprir a normativa decretada pelas políticas públicas ou a visão pejorativa que assimila o filme nacional como filme ruim.

Algumas vezes fui "advertido" pelos bilheteiros dos cinemas que estava entrando em um filme nacional, que era, para eles, sinônimo de fracasso de bilheteria. [...] A propósito lembro-me bem do jornal do Brasil que anunciava filme tal – drama; outro – comédia; filme qual – nacional. Chamar o filme de nacional era apenas mais uma forma de racismo, tão profundamente enraizada em nossa sociedade. (VIANA, 2022, p. 148)

Ainda nos anos de 1970, no período mais duro da ditadura militar, importantes figuras do Cinema Novo são perseguidas, caso de Glauber Rocha que parte para o exílio, a pressão aos que ficam leva o núcleo de cineastas engajados no movimento cinemanovista a repensar o projeto. Nesse contexto, Zelito Viana dedica-se a seus primeiros trabalhos como roteirista e diretor. Dentro das temáticas dos filmes está posta a preocupação em alcançar o grande público. Diante disso, Viana trabalhou em projetos comerciais que recorre a atores conhecidos e tramas populares, como "*Minha namorada*" e "*Doce esporte do sexo*", filme que trabalha como irmão Chico Anysio, ambos de 1970.

Temáticas recorrentes na obra de Zelito Viana retratam figuras artísticas e políticas importantes para construção da cultura brasileira. Dentre eles, a adaptação para o cinema da obra "*Os Condenados*" de Mário de Andrade lançada no ano de 1974, filme em que atuou como produtor e diretor; Obras dedicadas a Heitor Vila-Lobos, Juscelino Kubitschek e Oscar Niemeyer, Chico Buarque, Augusto Boal, entre outros. No cinema documental Viana trabalhou na divulgação das artes brasileiras, em "*Imagens da História*" (1995-2020) projeto que visava contar a história do Brasil por meio de filmes, projeto educacional que contou com narração de Antônio Abujamra e Eduardo Coutinho e "*Arte para todos*" uma série que visava retratar um panorama das artes plásticas brasileiras, projeto que fez com Ferreira Gullar.

Característica marcante dos filmes de Zelito Viana nos anos de 1980 é relacionada à temática indígena. Para o autor, esses projetos significaram uma mudança de paradigmas. Em “Terra dos Índios” (1979) e “Avaeté” (1984) representa múltiplas etnias indígenas colocando em evidência o protagonismo das lideranças em um momento que marca 480 anos da chegada do europeu. Esses filmes relatam os constantes conflitos presentes no cotidiano dos povos indígenas do país para manutenção dos seus territórios, em contraste com a ausência do Estado. Essas produções de Viana denunciam a violência a qual os povos originários estão submetidos, narrativas essas que são construídas a partir do próprio relato dos indígenas. Ademais, o processo de filmagem dessas produções apresenta um Brasil interior muitas vezes esquecido pelos grandes centros, o convívio estabelecido com os povos indígenas é mencionado nas memórias do autor enfaticamente como uma experiência transformadora.

Esse texto autobiográfico de Zelito Viana é sintomático para pensar o lugar do artista e seu engajamento com as pautas políticas e culturais de seu tempo. Por intermédio de suas memórias o cineasta evidencia o pertencimento a um grupo muito singular da classe política e artística. Esse fato, não está ausente da forma como em suas produções o autor escolhe representar suas temáticas, fica nítido, por um lado, o culto a personalidades importantes para construção da cultura brasileira. De outro, enquanto integrante do movimento do Cinema Novo, o autor expõe a realidade nacional em face das principais temáticas abordadas pelo movimento: a violência e os espaços marginalizados.

Diante do exposto, a obra de Zelito Viana é um relato bastante interessante dos bastidores do audiovisual brasileiro, contado por um de seus personagens mais singulares. O texto bem-humorado expõe as lutas pela valorização não só das produções audiovisuais nacionais, mas também da cultura brasileira. Além disso, postula o cinema como importante ferramenta para compreensão da realidade brasileira, sendo assim importante instrumento educativo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIANA, Zelito. **Os filmes e eu**. Rio de Janeiro: Record, 2022.